

**ROSANGELA DA SILVA MOURA**

**PATCH ADAMS – UMA ANÁLISE  
HERMENÊUTICA-DIALÉTICA COM BASE NAS  
CATEGORIAS DE HUMANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO**

**Florianópolis**

**Universidade Federal de Santa Catarina**

**2025**

**ROSANGELA DA SILVA MOURA**

**PATCH ADAMS – UMA ANÁLISE  
HERMENÊUTICA-DIALÉTICA COM BASE NAS  
CATEGORIAS DE HUMANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Santa Catarina, como parte dos requisitos  
para obtenção do título de Bacharel em  
Medicina.**

**Presidente do Colegiado: Prof. Dr. Edevard José de Araújo**

**Professor Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Agea Cutolo**

**Florianópolis**

**Universidade Federal de Santa Catarina**

**2025**

## **ficha catalográfica**

Moura, Rosangela da Silva

PATCH ADAMS - UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA-DIALÉTICA COM  
BASE NAS CATEGORIAS DE HUMANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO /  
Rosangela da Silva Moura ; orientador, Luiz Roberto Agea  
Cutolo, 2025.

35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
da Saúde, Graduação em Medicina, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Medicina. 2. Humanização da assistência . 3.  
Educação médica. 4. Empatia. 5. Hermenêutica-dialética. I.  
Cutolo, Luiz Roberto Agea. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em Medicina. III. Título.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a todos os profissionais da saúde que, com coragem e sensibilidade, escolhem diariamente tratar seus pacientes com empatia, respeito e excelência.

## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio, presença e inspiração de muitas pessoas queridas. Agradeço ao meu orientador, professor Cutolo por acreditar nesse projeto e por todo incentivo durante essa escrita, o seu incentivo e confiança foram fundamentais nessa jornada. Agradeço profundamente à minha família, cuja força e amor me sustentaram em todos os momentos, inclusive àqueles que, mesmo não podendo estar fisicamente comigo nesta reta final, continuam presentes de maneira viva em minhas conquistas. Aos meus amigos, tanto os que estiveram por perto quanto os que me acompanharam à distância, minha gratidão pelo carinho, pelas conversas e pelas palavras de encorajamento.

Aos colegas de jornada, com quem compartilhei dúvidas, descobertas e aprendizados ao longo da graduação, meu reconhecimento pela parceria e solidariedade. Aos professores que, com dedicação e sabedoria, guiaram meu caminho acadêmico, e aos profissionais da saúde que encontrei ao longo dessa trajetória — verdadeiros exemplos de empatia, competência e compromisso —, deixo meu respeito e minha admiração. Vocês foram, e continuarão sendo, espelhos na construção da profissional que escolho ser.

## RESUMO

O presente trabalho analisa o filme *Patch Adams* à luz de uma abordagem hermenêutico-dialética, articulando referenciais da Política Nacional de Humanização (PNH), da pedagogia de Paulo Freire, de Michel Foucault, e de estudos contemporâneos sobre empatia e comunicação em saúde. A partir de uma análise qualitativa e fílmica, identificamos como elementos estéticos — como iluminação, enquadramentos e trilha sonora — são utilizados para criticar o modelo biomédico e propor uma medicina mais sensível, dialógica e relacional. O estudo destaca as potencialidades do cinema como dispositivo pedagógico na formação médica, ao mesmo tempo em que tensiona suas limitações diante de questões estruturais como raça, classe e gênero. Concluimos que *Patch Adams* oferece uma crítica simbólica potente ao tecnicismo médico, embora romantize soluções individuais e negligencie os desafios coletivos e institucionais da humanização em contextos reais.

**Palavras-chave:** Humanização da assistência; Educação médica; Cinema; Empatia; Análise hermenêutica.

## ABSTRACT

This article analyzes the film *Patch Adams* through a hermeneutic-dialectical approach, drawing on theoretical frameworks such as Brazil's National Humanization Policy (PNH), Paulo Freire's pedagogy, Michel Foucault's critique of medical institutions, and recent studies on empathy and communication in healthcare. Using a qualitative and filmic analysis, we examine how aesthetic elements—lighting, framing, and soundtrack—are employed to challenge the biomedical model and advocate for a more humane, relational, and dialogical medicine. The study highlights the potential of cinema as a pedagogical tool in medical training, while also addressing its limitations in representing structural issues such as race, class, and gender. We conclude that *Patch Adams* offers a powerful symbolic critique of medical technicism, though it romanticizes individual solutions and overlooks the collective and institutional challenges of humanization in real-world contexts.

**Keywords:** Humanized care; Medical education; Cinema; Empathy; Hermeneutic analysis.

## LISTA DE FIGURAS



Foto 1 - Patch é advertido pelo reitor. Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-12262/fotos/>



Foto 2 - Patch ajuda seu colega Rudy a caçar os “esquilos”. Fonte: <https://hqskomcafe.com.br/2020/11/06/frases-patch-adams/>



Foto 3 - Patch Adams, interpretado pelo ator Robin Williams. Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-12262/fotos/>



Foto 4 - Patch Adams e o paciente Arthur Mendelson, no hospital psiquiátrico. Fonte: <https://www.alamy.com/harold-gould-robin-williams-film-patch-adams-1998-characters-arthur-mendelson-patch-adams-director-tom-shadyac-21-october-1998-warning-this-photograph-is-for-editorial-use-only-and-is-the-copyright-of-mcauniversal-andor-the-photographer-assigned-by-the-film-or-production-company-and-can-only-be-reproduced-by-publications-in-conjunction-with-the-promotion-of-the-above-film-a-mandatory-credit-to-mcauniversal-is-required-the-photographer-should-also-be-credited-when-known-no-commercial-use-can-be-granted-without-written-authority-from-the-film-company-image476579856.html>



Foto 5: Patch e sua colega de turma na Universidade de Virgínia. Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-12262/fotos/>



Foto 6 - Patch e Arthur Mendelson. Fonte:

<https://www.virtual-history.com/movie/film/3631/patch-adams/photographs>



Foto 7 - Equipe multiprofissional do hospital. Fonte:

[https://www.imdb.com/pt/title/tt0129290/mediaindex/?ref\\_=mv?ref\\_=mv\\_sm](https://www.imdb.com/pt/title/tt0129290/mediaindex/?ref_=mv?ref_=mv_sm)



Foto 8 - Patch Adams e o Instituto Gesundheit

# SUMÁRIO

## RESUMO

## ABSTRACT

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                 |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. Introdução</b>                                                                            | <b>12</b> |
| <b>2. A construção de um caminho: procedimentos metodológicos</b>                               | <b>17</b> |
| <b>3. Fundamentação teórica</b>                                                                 | <b>18</b> |
| 3.1 Sistema Conceitual                                                                          | 18        |
| 3.2 Referencial Teórico                                                                         | 18        |
| 3.2.1 A Crítica ao Paradigma Biomédico e a Emergência da Política Nacional de Humanização (PNH) | 18        |
| 3.2.2 A Empatia como Tecnologia de Cuidado e Prática Formativa                                  | 19        |
| 3.2.3 O Cinema como Linguagem e Dispositivo de Formação                                         | 20        |
| 3.2.4 Justificativa do Método: A Hermenêutica Dialética como Caminho Interpretativo             | 20        |
| <b>4. Análise Hermenêutica-Dialética de Patch Adams: Eixos Temáticos</b>                        | <b>22</b> |
| 4.1 A crítica ao modelo biomédico: entre a técnica e o vínculo                                  | 22        |
| 4.2 A empatia como tecnologia de cuidado: escuta, humor e reconhecimento                        | 23        |
| 4.3 Os limites da humanização: desigualdades, exclusões e desafios institucionais               | 23        |
| <b>5. Patch Adams e a hermenêutica dialética</b>                                                | <b>25</b> |
| 5.1 A crítica visual e sonora ao paradigma biomédico                                            | 25        |
| 5.2 Subjetividade e escuta: o corpo como território de afeto                                    | 26        |
| 5.3 Os saberes invisibilizados e a epistemologia do cuidado                                     | 27        |
| 5.4 Racismo estrutural, invisibilidade e representações limitadas                               | 27        |
| 5.5 Gênero e hierarquia na formação médica                                                      | 28        |
| 5.6 O mito do herói e os limites da transformação individual                                    | 29        |
| <b>6. Considerações finais</b>                                                                  | <b>31</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                                                               | <b>33</b> |
| <b>NORMAS ADOTADAS</b>                                                                          | <b>35</b> |

## 1. Introdução

A aproximação com o tema da humanização na prática médica não surgiu a partir de um marco teórico, mas de uma inquietação vivida nos corredores e ambulatorios durante a graduação. Ainda que a tecnologia médica tenha avançado a passos largos, algo essencial parecia estar sempre ausente: o cuidado com o sujeito doente, e não apenas com a doença. Em diversos momentos, escutar atentamente um paciente ou oferecer uma palavra acolhedora causava mais impacto terapêutico do que a própria prescrição. Foi a partir dessa experiência concreta – marcada por encontros frustrados, silêncios não escutados e afetos contidos – que emergiu o interesse em investigar as falhas e possibilidades da humanização na medicina.

Essa inquietação ganhou corpo ao deparar-me com um dado contundente: cerca de 60% das queixas hospitalares ao redor do mundo se referem à falta de empatia na relação médico-paciente.<sup>1</sup> No Brasil, apesar da existência de políticas como a Política Nacional de Humanização (PNH)<sup>2</sup>, voltadas para superar o distanciamento técnico e o autoritarismo institucional, observa-se uma dificuldade crônica de implementação. A rigidez do modelo biomédico, centrado na objetividade, na doença e na autoridade do saber médico, permanece como paradigma dominante.<sup>3</sup> Nesse cenário, torna-se urgente investigar como práticas alternativas de cuidado podem tensionar esse modelo e ampliar as possibilidades terapêuticas e formativas no campo da saúde.

Foi nesse contexto que o filme *Patch Adams*<sup>4</sup> se apresentou como um poderoso provocador. Baseado na história real do médico Hunter “Patch” Adams, o longa-metragem traz à tona, com linguagem acessível e simbólica, uma série de tensões vividas por quem busca uma medicina mais humana, empática e relacional. O personagem principal, ao desafiar os códigos e hierarquias da prática médica tradicional, propõe outra forma de cuidado – pautada no riso, na escuta e no afeto. Mais do que inspirador, o filme funciona como um dispositivo pedagógico potente<sup>5</sup>, capaz de promover a reflexão crítica entre estudantes e profissionais da saúde.

A narrativa cinematográfica, além de comover, permite acessar dimensões que a teoria por vezes não alcança. Através de imagens, silêncios, expressões faciais e enquadramentos, o filme mobiliza sensações e interpretações que escapam ao discurso racional, convidando o espectador a um envolvimento ético e estético com a temática da humanização. Ao integrar recursos da filmologia<sup>6,7</sup> com referenciais da educação libertadora<sup>5</sup> e da prática clínica

empática<sup>8-10</sup>, este trabalho se propõe a analisar *Patch Adams* como mais do que entretenimento: como narrativa que revela e produz sentidos sobre o cuidado, o corpo e a escuta.

Para isso, adota-se uma abordagem hermenêutico-dialética,<sup>11</sup> capaz de interpretar a obra não apenas em sua superfície narrativa, mas em suas contradições internas, metáforas e simbolismos. A hermenêutica nos permite compreender como o filme se articula a discursos sociais, ideologias e práticas do campo médico; a dialética, por sua vez, nos impele a confrontar essas representações com os desafios concretos da formação médica contemporânea. Assim, propõe-se um diálogo entre arte e teoria, entre ficção e realidade, entre representação e prática, ancorado em três eixos centrais: crítica ao modelo biomédico, empatia como tecnologia de cuidado e limites da humanização em contextos de desigualdade.

Entre as cenas analisadas, destacam-se momentos emblemáticos como o close-up nas mãos de Patch e de um paciente terminal – gesto que, além de compor um recurso estético, funciona como metáfora visual para a escuta ativa e o toque cuidadoso.<sup>8-10</sup> A montagem da narrativa, que contrapõe a frieza hospitalar institucional com a ludicidade dos encontros promovidos por Patch, evidencia o embate entre paradigmas médicos que se prolonga até os dias atuais. Nesse sentido, o filme não apenas retrata, mas atualiza debates fundamentais sobre a prática médica, propondo novas possibilidades de cuidado baseadas em vínculo, criatividade e corresponsabilidade.

Ao lado da potência do afeto e da escuta, o filme também revela contradições importantes. Embora promova uma visão encantadora da humanização, silencia desigualdades estruturais que atravessam o acesso e a qualidade do cuidado. O fato de Patch ser um homem branco, estadunidense e com capital cultural elevado aponta para um recorte privilegiado que nem sempre se aplica a realidades periféricas como a brasileira.<sup>8-10</sup> Ademais, o filme pouco problematiza os limites institucionais e sistêmicos como o racismo, a desigualdade econômica e o burnout profissional,<sup>10</sup> que dificultam a humanização como política pública. Tais omissões abrem espaço para tensionar a obra com aportes críticos e promover uma leitura mais densa e situada.

Dessa forma, este trabalho propõe uma análise hermenêutica de *Patch Adams* como artefato cultural e pedagógico, examinando como suas representações cinematográficas dialogam com as categorias da humanização em saúde. A proposta metodológica articula

análise fílmica e revisão teórica, sustentando uma reflexão em três eixos: (1) as críticas à hegemonia do modelo biomédico; (2) a empatia como eixo ético e terapêutico do cuidado; e (3) os limites estruturais e simbólicos da humanização diante de um sistema desigual. Ao fazer isso, busca-se contribuir para uma formação médica mais crítica, sensível e transformadora – que reconheça, no cinema e na prática, o cuidado como encontro e potência política.

Diante dessas inquietações, este trabalho tem como objetivo central analisar o filme *Patch Adams* sob uma perspectiva hermenêutico-dialética, a fim de compreender como suas representações cinematográficas tensionam o modelo biomédico tradicional e apontam caminhos possíveis para uma prática médica mais humanizada. Especificamente, propõe-se: (1) examinar como o filme encena categorias centrais da Política Nacional de Humanização, como acolhimento, autonomia e vínculo; (2) identificar de que forma a obra antecipa ou dialoga com práticas empáticas contemporâneas, como a Comunicação Não Violenta e os Grupos Balint e (3) problematizar os limites e contradições da proposta de humanização, especialmente em contextos marcados por desigualdade, exaustão profissional e hierarquias institucionais. Ao final, o que se busca é contribuir para uma formação médica que reconheça a linguagem artística como dispositivo crítico e formativo, capaz de provocar, sensibilizar e transformar a maneira como cuidamos – e somos cuidados – no interior do sistema de saúde.

A escolha por analisar o filme *Patch Adams* sob uma perspectiva hermenêutico-dialética parte de uma inquietação vivida no cotidiano da graduação em medicina: o distanciamento afetivo, a tecnocracia e a hierarquização das relações ainda são marcas estruturais da prática clínica. Mesmo diante de políticas públicas como PNH,<sup>2</sup> que propõe o acolhimento, a escuta qualificada e o protagonismo do paciente como diretrizes do cuidado, nota-se uma dificuldade de efetivar essas propostas nas instituições de saúde. Tal contradição entre discurso e prática revela uma lacuna formativa, indicando a necessidade de dispositivos que provoquem a reflexão crítica entre estudantes e profissionais.

O filme, ao narrar a trajetória de um médico que rompe com a rigidez do paradigma biomédico e aposta em uma prática sensível, criativa e relacional, oferece um campo fértil para esse debate. Sua linguagem cinematográfica mobiliza não apenas argumentos racionais, mas também experiências afetivas e estéticas, possibilitando leituras múltiplas que escapam às abordagens tradicionais. A partir disso, torna-se possível pensar o cinema como ferramenta

pedagógica capaz de interrogar os limites e possibilidades da humanização na saúde, não como ideal romântico, mas como prática situada, política e crítica<sup>2,8-10</sup>.

Além disso, o estudo dialoga com movimentos contemporâneos da educação médica que reivindicam uma formação mais integral, crítica e orientada à pessoa.<sup>9,10</sup> A literatura científica tem evidenciado que a empatia e a comunicação humanizada não apenas melhoram os desfechos clínicos,<sup>7,10</sup> mas também atuam na prevenção do esgotamento profissional e na construção de vínculos terapêuticos mais potentes.<sup>1,7,9</sup> No entanto, tais competências seguem sendo negligenciadas em currículos centrados na performance técnica e na fragmentação do cuidado.

Este trabalho também se justifica por sua proposta metodológica: ao articular teoria crítica, análise fílmica e experiência formativa, busca-se romper com a visão utilitarista da educação médica, abrindo espaço para outras epistemologias, como a estética, a narrativa e a escuta sensível. A abordagem hermenêutico-dialética<sup>11</sup> permite compreender o filme como um texto cultural que reflete e tensiona normas institucionais, ao mesmo tempo em que suscita perguntas relevantes para a prática clínica. Nesse sentido, o presente trabalho não se limita à análise de uma obra cinematográfica, mas propõe um exercício de leitura crítica do cuidado e da formação médica no Brasil contemporâneo.<sup>10</sup>

Justifica-se, por fim, pela urgência de repensar a formação médica em tempos de crises sanitárias, sociais e éticas. O esgotamento das práticas tradicionais, somado às exigências por uma medicina mais humana e inclusiva, exige novas ferramentas pedagógicas que despertem não apenas competências técnicas, mas também capacidades relacionais, éticas e políticas. Nesse horizonte, *Patch Adams* surge como convite e desafio: como incorporar o riso, o afeto e a escuta como potências clínicas, sem perder de vista as contradições que marcam o sistema de saúde? Essa é a pergunta que sustenta a relevância desta pesquisa.

Como objetivos específicos, podemos elencar: examinar, a partir da hermenêutica dialética, as principais cenas do filme *Patch Adams* à luz das categorias centrais da PNH – com ênfase nos conceitos de acolhimento, vínculo, autonomia e responsabilização compartilhada no cuidado;<sup>2</sup> identificar como a obra antecipa ou dialoga com abordagens contemporâneas da empatia na prática médica, especialmente os princípios da CNV<sup>9</sup> e a metodologia dos Grupos Balint,<sup>10</sup> como estratégias para fortalecer a escuta ativa e a presença relacional no cuidado; refletir sobre os limites da proposta de humanização apresentada no

filme, discutindo questões de raça, classe e gênero que atravessam a prática médica, mas que aparecem de forma marginalizada na narrativa fílmica.<sup>2,8-10</sup> Explorar os recursos cinematográficos (como enquadramentos, montagem, trilha sonora e simbolismos) como dispositivos discursivos que sustentam a crítica ao modelo biomédico tradicional e constroem a proposta humanista do protagonista<sup>6,7</sup> e contribuir com a discussão sobre o uso do cinema como ferramenta pedagógica na formação médica, demonstrando como a análise crítica de obras ficcionais pode fomentar a reflexão ética, política e afetiva sobre a prática clínica.<sup>6-10</sup>

## **2. A construção de um caminho: procedimentos metodológicos**

Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e interpretativo, com base na hermenêutica-dialética conforme proposta por Minayo.<sup>11</sup> O corpus de análise foi o filme *Patch Adams* (1998), dirigido por Tom Shadyac, trazendo o ator Robin Williams no personagem central, com disponibilidade para compra na plataforma de streaming Amazon Prime Video.<sup>4</sup> A escolha do filme se justifica por sua centralidade na representação das tensões entre a medicina tradicional e abordagens humanizadas de cuidado.<sup>8-10</sup>

A análise ocorreu em três etapas. Primeiramente, foi feito o mapeamento das cenas-chave em que se expressam os principais dilemas da relação médico-paciente.. Em seguida, essas cenas foram confrontadas com o sistema conceitual da humanização em saúde, especialmente os princípios da PNH,<sup>2</sup> e com os referenciais teóricos escolhidos. Por fim, aplicamos elementos da filmologia para interpretar os recursos estéticos e narrativos utilizados pelo filme.<sup>6,7,12</sup>

A escolha do método hermenêutico-dialético se deve à sua capacidade de integrar forma e conteúdo, compreendendo o objeto (no caso, o filme) como construção simbólica e histórica.<sup>11</sup> A triangulação entre linguagem cinematográfica, teoria crítica e categorias de humanização buscou ampliar a densidade analítica e valorizar as ambiguidades presentes na obra.

### **3. Fundamentação teórica**

#### **3.1 Sistema Conceitual**

O sistema conceitual deste trabalho está centrado em três eixos: a crítica ao modelo biomédico de formação e prática clínica; a empatia como tecnologia relacional de cuidado; e os limites estruturais da humanização em contextos marcados por desigualdades.

A crítica ao paradigma biomédico revela como a medicina moderna se constituiu sobre saberes que disciplinam corpos e normalizam comportamentos. Nesse sentido, a relação médico-paciente se estrutura a partir de uma hierarquia, onde o conhecimento técnico muitas vezes silencia o saber do sujeito.<sup>3</sup>

A empatia é analisada a partir de uma perspectiva ampliada, como um recurso clínico e ético, capaz de fortalecer vínculos e qualificar o cuidado. Estudos como os de Howick et al.<sup>1</sup> e Trzeciak e Mazzairelli<sup>13</sup> demonstram que a comunicação empática não só melhora os desfechos de saúde como também protege contra o burnout.<sup>8-10</sup>

Contudo, é preciso reconhecer que a humanização não ocorre em um vácuo social. Gênero, classe, cor e lugar social interferem nas possibilidades de acesso e qualidade do cuidado. Por isso, a análise também dialoga com os limites das representações idealizadas da humanização, propondo uma leitura interseccional.

#### **3.2 Referencial Teórico**

##### **3.2.1 A Crítica ao Paradigma Biomédico e a Emergência da Política Nacional de Humanização (PNH)**

A medicina moderna, como apontado por Michel Foucault, funda-se sobre dispositivos de saber-poder que reconfiguram a relação entre corpo, doença e sujeito. A medicina suprime a subjetividade do indivíduo, onde se deixa de olhar para si para olhar a doença.<sup>3</sup> O doente passa a ser o intermediário da doença despersonalizando e desumanizando os sujeitos. O autor descreve o surgimento de uma medicina clínica centrada na objetividade do olhar médico e no controle institucional sobre o corpo doente, subordinando-o à lógica da especialização e da técnica. A medicina suprime a subjetividade do doente em favor do discurso técnico. Essa crítica serve de base para compreender a centralidade que o paradigma

biomédico assumiu, com sua ênfase na fragmentação do corpo e no distanciamento entre profissional e paciente.

No Brasil, a tentativa de romper com esse modelo inspirou a criação, em 2003, da PNH<sup>2</sup>, vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS).<sup>15</sup> A PNH propõe diretrizes centradas na valorização da escuta, no acolhimento, na corresponsabilização dos sujeitos no cuidado e na construção de projetos terapêuticos singulares. Seus eixos estruturantes incluem: a clínica ampliada (ter uma ampliação conceitual do processo saúde-doença), a equipe de referência (organização e gestão mais centrada na coprodução de saúde) e o projeto terapêutico singular (condutas e propostas terapêuticas articuladas para o sujeito entrelaçadas pelas equipes interdisciplinares) — estratégias que visam superar a fragmentação do cuidado e fortalecer a autonomia dos sujeitos. No entanto, como revelam análises recentes, a implementação da PNH enfrenta resistências estruturais, simbólicas e formativas, especialmente em ambientes hospitalares fortemente hierarquizados.<sup>2</sup>

A abordagem humanista de Patch Adams ressoa com esses princípios, antecipando algumas práticas que a PNH viria institucionalizar duas décadas depois. Sua crítica ao modelo tecnicista e sua aposta no vínculo e na criatividade como formas legítimas de cuidado são elementos que permitem uma leitura da obra como dispositivo pedagógico e político.<sup>2,5</sup>

### **3.2.2 A Empatia como Tecnologia de Cuidado e Prática Formativa**

A empatia tem se tornado um conceito-chave nas discussões contemporâneas sobre humanização na saúde. Estudos como os de Kerasidou<sup>14</sup> e Trzeciak & Mazzarelli<sup>13</sup> apontam a empatia não apenas como traço de personalidade, mas como competência clínica treinável, que influencia diretamente os desfechos terapêuticos. Em uma metanálise recente,<sup>1</sup> evidenciou-se que a comunicação empática está associada à melhora da dor, da ansiedade e da adesão ao tratamento. Esses dados reforçam a importância da formação de profissionais mais atentos às dimensões subjetivas e afetivas do cuidado.

Autores brasileiros também vêm contribuindo para o aprofundamento desse debate. Uehara<sup>8</sup> e Norman<sup>9</sup> destacam a CNV como ferramenta potente para a prática médica centrada na pessoa, sendo a Empatia a ferramenta central utilizada na CNV. Já Leão<sup>10</sup>, ao analisar a introdução de Grupos Balint na graduação médica, mostra como espaços reflexivos estruturados podem fortalecer a escuta, a autorregulação emocional e o reconhecimento das dimensões intersubjetivas do ato médico.

A pedagogia Freireana, por sua vez, traz contribuições fundamentais ao enfatizar o papel do diálogo, da escuta ativa e da problematização na construção do conhecimento. Patch Adams, ao agir como mediador entre pacientes e colegas, não ensina apenas pelo discurso, mas por práticas que evocam a educação libertadora de Paulo Freire: a valorização da experiência, o acolhimento da subjetividade e a ruptura com o ensino bancário.<sup>5</sup>

### **3.2.3 O Cinema como Linguagem e Dispositivo de Formação**

O cinema é uma linguagem simbólica complexa, com múltiplas camadas de significação. A análise fílmica deve considerar não apenas o conteúdo narrativo, mas os recursos estéticos — como enquadramentos, luz, trilha sonora, cortes e movimentos de câmera — que constroem sentidos.<sup>6,12</sup> Além disso, reforça que convenções cinematográficas podem comunicar ideias abstratas de forma imediata e emocional, como ocorre com a repetição de planos aproximados em *Patch Adams*, que reforçam a centralidade do toque e do olhar como elementos terapêuticos.<sup>12</sup>

Ao incorporar o cinema como objeto de análise e ferramenta de reflexão, este trabalho propõe uma intersecção entre arte, educação e cuidado. A narrativa de *Patch Adams* não é apenas ilustrativa de conceitos, mas performativa: ela mobiliza emoções, produz identificação e convida à crítica. Assim, o filme funciona como dispositivo pedagógico, permitindo tensionar práticas naturalizadas e provocar deslocamentos éticos e epistemológicos no olhar do estudante de medicina.<sup>5,10,13,16,17</sup>

### **3.2.4 Justificativa do Método: A Hermenêutica Dialética como Caminho Interpretativo**

A escolha da hermenêutica dialética se fundamenta na necessidade de interpretar criticamente os sentidos produzidos pela obra fílmica, articulando os elementos estéticos à sua inserção em contextos históricos e sociais concretos. A hermenêutica, por si só, busca compreender o significado dos textos (ou imagens) a partir do seu contexto e das experiências do intérprete. Já a dialética introduz o movimento das contradições, permitindo uma análise que vá além da aparência, revelando os conflitos, tensões e disputas de sentido presentes na obra.<sup>6</sup>

Essa abordagem é especialmente fecunda para o objeto deste estudo, pois permite compreender *Patch Adams* como um artefato cultural inserido em um campo de forças: entre a hegemonia do paradigma biomédico e as práticas emergentes de cuidado

humanizado.<sup>1,5,8-10,13,14,17</sup> Além disso, a hermenêutica dialética rompe com leituras normativas e moralizantes, abrindo espaço para uma análise que reconhece os limites da proposta do protagonista, as exclusões presentes na narrativa e os desafios reais de implementar mudanças em sistemas de saúde marcados por desigualdade, burocracia e sofrimento institucional.<sup>1,6,16,17</sup>

Ao adotar esse referencial, o presente trabalho propõe não apenas interpretar o filme, mas utilizá-lo como provocação teórica e pedagógica, capaz de iluminar contradições da prática médica e tensionar os caminhos possíveis para uma formação mais humana, crítica e empática.

## 4. Análise Hermenêutica-Dialética de *Patch Adams*: Eixos Temáticos

Este capítulo se organiza em três eixos interpretativos, alinhados aos objetivos específicos do trabalho. Cada eixo parte de cenas e elementos estéticos da obra cinematográfica para construir diálogos com os conceitos de humanização, empatia e formação médica. A leitura não se propõe a esgotar a obra, mas a produzir sentidos a partir de suas contradições internas e de sua ressonância com o debate contemporâneo em saúde.

### 4.1 A crítica ao modelo biomédico: entre a técnica e o vínculo

Desde suas primeiras cenas, *Patch Adams* confronta o espectador com um modelo institucionalizado de cuidado, baseado na frieza, no distanciamento e na autoridade do médico. A ambientação do hospital universitário — corredores estéreis, tons frios, ausência de escuta — funciona como metáfora visual do paradigma biomédico criticado por Foucault.<sup>3</sup>

A cena em que Patch tenta visitar pacientes sem permissão, e é advertido por seus superiores, como vemos na foto 1, ilustra como o cuidado torna-se objeto de regulamentação e vigilância. A ênfase em protocolos, especializações e hierarquias transforma o paciente em "caso clínico", apagando sua subjetividade. Tal abordagem contrasta diretamente com os princípios da clínica ampliada, proposta pela PNH, que valoriza o sujeito em sua integralidade.<sup>2</sup>

Essa tensão é particularmente visível na figura do reitor da faculdade, que representa a voz da autoridade médica, e cujas falas evocam uma medicina elitista, racionalista e meritocrática. Ao desafiar essa lógica com ações espontâneas e criativas, Patch aponta para uma ruptura: o cuidado como relação antes de ser procedimento.



**Foto 1** - Patch é advertido por frequentar o hospital antes do terceiro ano.

## 4.2 A empatia como tecnologia de cuidado: escuta, humor e reconhecimento

A virada narrativa do filme ocorre dentro do manicômio, quando Patch descobre que seu sofrimento pode ser amenizado ao cuidar do outro. A escuta atenta, o olhar horizontal e o uso do humor criam um campo de confiança — uma forma de empatia ativa, que constitui uma "tecnologia de cuidado" tão eficaz quanto intervenções farmacológicas.<sup>14,13</sup>

A cena em que Patch brinca com o colega de quarto, como vemos na foto 2, simulando uma caça aos esquilos, é um ponto alto da construção dessa prática relacional. Nesse momento, o jogo não é apenas um alívio cômico, mas um modo de restaurar a dignidade e a agência daquele sujeito institucionalizado. É nesse gesto que ressoam os princípios da CNV e da abordagem centrada na pessoa.<sup>8,9,16,17</sup>

Freire nos ajuda a ler essas cenas como práticas pedagógicas também.<sup>5</sup> A empatia não é apenas uma qualidade individual, mas uma postura ética-política de reconhecer o outro como sujeito histórico. Em seu percurso, Patch educa pela presença, pelo exemplo e pela escuta — instaurando uma prática médica que é também dialógica e transformadora.<sup>16,17</sup>



**Foto 2** - Patch ajuda seu colega Rudy a caçar os “esquilos”

## 4.3 Os limites da humanização: desigualdades, exclusões e desafios institucionais

Apesar de sua força inspiradora, o filme também permite — e exige — uma leitura crítica. Como vemos na foto 3, Adams é um homem branco, cisgênero, de classe média, com capital cultural suficiente para desafiar as normas da medicina sem sofrer sanções definitivas.

Esse ponto precisa ser tensionado, à luz das críticas contemporâneas à romantização da humanização que desconsidera as estruturas de desigualdade.

A ausência de personagens racializados em posições de protagonismo, o silenciamento de pacientes marginalizados e a romantização de certos atos transgressores revelam que, embora o filme celebre a empatia, ele o faz a partir de um lugar privilegiado. A análise dialética, conforme Minayo, permite captar esses “silêncios significativos”, revelando as limitações de uma narrativa idealizada.<sup>11</sup>

Além disso, a humanização proposta por Adams pouco aborda os entraves institucionais reais: excesso de demandas, subfinanciamento, racismo estrutural e adoecimento dos profissionais. A proposta de resistência e ludicidade como forma de subversão do hospital é potente, mas precisa ser contextualizada. Afinal, como garantir cuidado humanizado em um sistema de saúde sobrecarregado e desigual?



**Foto 3** - Patch Adams, interpretado pelo ator Robin Williams

## 5. *Patch Adams* e a hermenêutica dialética

A análise hermenêutica-dialética do filme *Patch Adams*, orientada por uma abordagem qualitativa e sustentada pelos referenciais de Foucault,<sup>3</sup> Freire,<sup>5</sup> Minayo,<sup>11</sup> PNH,<sup>2</sup> e os estudos contemporâneos sobre empatia e comunicação em saúde, permitiu identificar um rico campo de tensões entre o discurso médico tradicional e as práticas de cuidado humanizadas.<sup>1,14,16,17</sup> O filme, embora ficcional, apresenta-se como um texto simbólico que opera criticamente sobre os modelos de formação e prática médica, ao mesmo tempo em que revela seus próprios limites no enfrentamento das questões estruturais de raça, classe e gênero.<sup>19,20</sup>

### 5.1 A crítica visual e sonora ao paradigma biomédico

Desde os primeiros momentos, a estética do filme sinaliza uma oposição entre dois modelos de cuidado. A clínica psiquiátrica, onde Adams é inicialmente internado, é construída como um espaço de contenção e normatização. Cores frias, silêncio institucional, rigidez nos enquadramentos e ausência de contato interpessoal denotam a lógica da disciplina, como vemos na foto 4. Esse espaço representa aquilo que Foucault descreve como a medicina enquanto tecnologia de controle, onde o sujeito é reduzido a objeto de intervenção, desprovido de agência e voz.<sup>3</sup>



**Foto 4** - Patch Adams e o paciente Arthur Mendelson, no hospital psiquiátrico

Em contraposição, as cenas em que Adams interage com os colegas e com pacientes fora dos protocolos convencionais são marcadas por uma estética de acolhimento: luz natural, cores quentes, câmeras em movimento e trilha sonora melodiosa. A foto 5 traz um desses momentos, quando Patch conversa com sua colega de turma ao ar livre. Essa oposição não apenas estetiza o conflito entre dois modos de ser médico, mas performa um discurso crítico que ressoa com as diretrizes da PNH, que propõe o acolhimento como diretriz ética e estética do cuidado.<sup>2</sup> A música, nesse contexto, emerge como ferramenta narrativa e terapêutica, marcando o contraste entre o frio institucional e o calor humano.<sup>6,7,16</sup>



**Foto 5** - Patch na Universidade da Virgínia, com sua colega de turma

## **5.2 Subjetividade e escuta: o corpo como território de afeto**

O corpo, para Patch Adams, é mais que um objeto de diagnóstico — é um território de afeto, linguagem e encontro. Suas intervenções — que envolvem o riso, a fantasia, o toque e a escuta ativa — operam como formas de subjetivação, em que o paciente é reconstituído enquanto sujeito. Isso dialoga diretamente com o conceito de “cura centrada na pessoa”, conforme defendido por Michael Balint, que compreende a relação médico-paciente como um dos principais agentes terapêuticos.<sup>10,18</sup>

A cena em que Adams realiza um safári com uma caça à animais feito de balões no leito de um paciente terminal exemplifica uma escuta que reconhece o desejo do outro como legítimo, mesmo diante da morte. Essa cena concretiza os princípios do Projeto Terapêutico

Singular (PTS), da PNH, que propõe intervenções construídas de forma compartilhada e situada. A empatia, nesse contexto, não é um sentimento espontâneo, mas uma prática ética e política.<sup>2</sup>

### 5.3 Os saberes invisibilizados e a epistemologia do cuidado

A figura de Arthur Mendelson — paciente psiquiátrico considerado “louco” — representa os saberes invisibilizados pela medicina tradicional. Sua excentricidade é interpretada por Adams como uma forma de sabedoria alternativa. A cena que se segue na foto 6, em que Arthur desafia Adams a “ver além do óbvio” simboliza uma ruptura epistemológica: o conhecimento não é monopólio dos profissionais, mas pode emergir da experiência, da escuta e da loucura.<sup>4</sup>



**Foto 6** - Patch Adams e Arthur Mendelson

Foucault sustenta que a razão moderna se constituiu pela exclusão da loucura. Ao acolher a voz de Arthur, Adams subverte essa lógica e aproxima-se de uma ética da escuta, na qual o paciente não é apenas aquele que sofre, mas também aquele que sabe.<sup>3</sup> Essa leitura se fortalece com o reconhecimento da pluralidade de saberes no campo da saúde, sobretudo aqueles construídos nas margens — por usuários, cuidadores, grupos populares e comunidades tradicionais.<sup>8,9,10</sup>

### 5.4 Racismo estrutural, invisibilidade e representações limitadas

Apesar de seu potencial crítico, o filme revela importantes limitações quando analisado sob o prisma interseccional. A maioria dos profissionais com poder de decisão são homens brancos, e os personagens negros ou de origem latina aparecem apenas como pacientes pobres ou em papéis subalternos como vemos na foto 7. Isso configura um

apagamento simbólico que reforça o que Fanon denunciava como “invisibilidade do corpo negro” nas instituições ocidentais.<sup>19</sup>



**Foto 7** - Equipe multiprofissional do hospital

A música também participa dessa construção: o jazz — única manifestação musical negra presente no filme — aparece exclusivamente nas cenas com pacientes economicamente marginalizados, reforçando uma associação entre raça e pobreza. Tal representação confirma o argumento de que muitas narrativas sobre humanização centralizam protagonistas brancos carismáticos, enquanto silenciam as violências estruturais que afetam a prática do cuidado.

6,7,12-14

### **5.5 Gênero e hierarquia na formação médica**

A posição das mulheres no filme também revela hierarquias persistentes. Enfermeiras aparecem como figuras de apoio, quase sempre silenciosas e destituídas de protagonismo. A colega médica que compartilha afetos com Adams é, em certo momento, vítima de violência — evento que, embora trágico, serve principalmente ao arco dramático do protagonista. Essa narrativa reforça o padrão de representação em que o sofrimento feminino é instrumentalizado para o desenvolvimento do herói masculino.<sup>20</sup>



**Foto 8** - Patch e sua colega de turma

Na formação médica, a hierarquia se revela tanto nos discursos quanto nas imagens. Professores são retratados em planos superiores, alunos em posição inferior. Esse recurso visual expressa o modelo de educação vertical, denunciado por Freire<sup>5</sup> como "educação bancária", em oposição ao modelo dialógico. A crítica feita por Adams à ausência de contato com pacientes nos primeiros anos de curso ilustra a desconexão entre conhecimento técnico e experiência humana.<sup>16,17</sup>

### **5.6 O mito do herói e os limites da transformação individual**

A cena final, com a fundação do hospital “alternativo” por Adams, transmite a ideia de que a transformação do sistema de saúde pode ser alcançada por meio da coragem e sensibilidade de indivíduos excepcionais. Essa narrativa romantizada obscurece o papel das políticas públicas, das lutas coletivas e das transformações estruturais. Em um contexto como o do SUS, tal visão é não apenas ingênua, mas contraproducente.<sup>2,15</sup>

A PNH propõe que a humanização não é uma qualidade moral de indivíduos, mas um processo político-institucional que requer mudanças nas relações de trabalho, nos modos de gestão, no cuidado e na escuta dos usuários. Assim, embora o filme ofereça imagens potentes de cuidado e escuta, ele falha em problematizar as condições reais de trabalho, financiamento, desigualdades e resistências institucionais que atravessam o cotidiano dos serviços de saúde.<sup>2</sup>



**Foto** - Patch Adams e o Instituto Gesundheit

## 6. Considerações finais

Este trabalho buscou lançar um olhar crítico, sensível e reflexivo sobre o filme *Patch Adams*, tendo como eixo central a análise hermenêutica-dialética inspirada na proposta metodológica de Minayo, e ancorada nos referenciais teóricos de Foucault, Paulo Freire, Michael Balint, na PNH e em estudos contemporâneos sobre empatia e comunicação em saúde. A partir da linguagem simbólica e estética da obra cinematográfica, foi possível problematizar modelos de cuidado, epistemologias médicas e tensões ético-políticas que atravessam a formação e o exercício profissional em saúde.

A narrativa de *Patch Adams* oferece contribuições significativas ao propor uma medicina que reconhece a integralidade do sujeito, em sua dimensão biológica, emocional, social e simbólica. A sensibilidade do protagonista, suas intervenções pautadas pela escuta, pelo afeto e pela ludicidade, apresentam-se como contraponto potente ao paradigma biomédico tradicional — aquele que, como alerta Foucault, transforma o corpo em objeto e o sofrimento em dado técnico. Nesse sentido, o filme não apenas entretém, mas também convoca: é um convite ao deslocamento de certezas, à reinvenção de práticas e à reconstrução ética do cuidado.

Entretanto, a análise evidenciou que a obra recai em uma série de reducionismos e apagamentos que merecem ser problematizados. A representação da humanização como atributo de figuras excepcionais — no caso, um homem branco, carismático e heterodoxo — esvazia a dimensão coletiva e política da mudança no cuidado em saúde. A ausência de uma crítica mais robusta às desigualdades estruturais de gênero, raça e classe reflete não apenas os limites do discurso fílmico, mas também os riscos da romantização da empatia como ferramenta universal e descontextualizada. A empatia, quando desconectada de suas condições materiais e históricas, pode se tornar um gesto estético que pouco transforma.

Ao mesmo tempo, o filme silencia sobre o cotidiano dos trabalhadores da saúde que, muitas vezes em condições precárias, reinventam modos de cuidar e resistem às lógicas institucionais de desumanização. As enfermeiras, técnicas, assistentes sociais, profissionais da saúde coletiva e agentes comunitários aparecem de forma marginal ou são completamente invisibilizados. Essa omissão revela uma lacuna não apenas narrativa, mas política: quem está autorizado a representar o cuidado?

A escolha pela hermenêutica-dialética se mostrou acertada justamente por permitir o entrelaçamento entre o visível e o latente, entre o dito e o silenciado, entre o simbólico e o estrutural. Essa abordagem não buscou fixar verdades, mas desestabilizá-las; não ofereceu respostas prontas, mas complexificou as perguntas. É nesse campo tensionado que se insere a contribuição deste trabalho: menos como uma conclusão fechada e mais como abertura — para o diálogo, para a escuta, para a reinvenção do olhar.

Como toda pesquisa, esta também encontra seus limites. A análise centrou-se em um único objeto filmico e não avançou para a comparação com dados empíricos de práticas reais nos serviços de saúde, o que poderia enriquecer o debate e conferir mais densidade à discussão sobre humanização no contexto brasileiro. Tampouco foram incluídas vozes de pacientes reais ou profissionais da atenção básica, atores centrais no cotidiano do SUS e na implementação concreta da PNH.

Diante disso, futuras investigações podem (e devem) explorar como discursos sobre empatia, escuta e cuidado se traduzem — ou se perdem — na prática, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais profundas. Além disso, o campo do cinema e da arte como dispositivos pedagógicos na formação em saúde merece ser aprofundado, não apenas como ferramenta de sensibilização, mas como instrumento crítico capaz de formar sujeitos mais éticos, reflexivos e comprometidos com a transformação das realidades.

Encerrando, *Patch Adams* nos oferece mais que uma história inspiradora: ele nos oferece perguntas. Que medicina queremos construir? Que escuta estamos dispostos a exercitar? A quem estamos vendo — e quem ainda permanece invisível? Neste gesto de perguntar, de escutar e de refletir, reside a verdadeira potência transformadora da humanização em saúde.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Howick J, Moscrop A, Mebius A, Fanshawe TR, Lewith G, Bishop FL, et al. Effects of empathic and positive communication in healthcare consultations: a systematic review and meta-analysis. *BMJ Open*. 2022;12:e054899.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização (PNH): clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2023.
3. Foucault M. O nascimento da clínica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2011.
4. Patch Adams. Direção: Tom Shadyac. Estados Unidos: Universal Pictures; 1998.
5. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 60ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2019.
6. Bordwell D, Thompson K. Film art: an introduction. 12th ed. New York: McGraw-Hill; 2020.
7. Aumont J, Marie M. A análise do filme. 3ª ed. Lisboa: Texto & Grafia; 2015.
8. Uehara BY, Norman AH, Morgado TA. Empatia (parte I): contribuições para a abordagem centrada na pessoa. *Rev Bras Med Fam Comunidade*. 2024;19(46):3398.  
[https://doi.org/10.5712/rbmfc19\(46\)3398](https://doi.org/10.5712/rbmfc19(46)3398)
9. Norman AH, Uehara BY, Morgado TA. Empatia (parte II): contribuições da comunicação não-violenta para a prática clínica. *Rev Bras Med Fam Comunidade*. 2023;18(45):3548.  
[https://doi.org/10.5712/rbmfc18\(45\)3548](https://doi.org/10.5712/rbmfc18(45)3548)
10. Leão JRB. Grupos Balint na graduação: uma estratégia de promoção de empatia em estudantes de Medicina [dissertação]. Sorocaba: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2022.
11. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 34ª ed. Petrópolis: Vozes; 2021.
12. Van Sijll J. Cinematic storytelling: the 100 most powerful film conventions every filmmaker must know. Studio City: Michael Wiese Productions; 2005.
13. Trzeciak S, Mazzarelli A, Booker C. Compassionomics: the revolutionary scientific evidence that caring makes a difference. Pensacola: Studer Group; 2019.
14. Kerasidou A. The role of empathy in clinical practice. *J Clin Ethics*. 2021;32(2):143-52.
15. Brasil. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 20 set 1990.
16. Steihaug S, Gulbrandsen P, Werner A. Recognition and dialogue in medical education. *Med Educ*. 2020;54(9):820-6.
17. Kämmer JE, Hautz WE. Beyond competence: Towards a more holistic perspective in medical education. *Med Educ*. 2022;56(1):4-6.
18. Balint M. O médico, seu paciente e a doença. 2ª ed. São Paulo: Livraria Editora Santos; 2005.

19. Fanon F. Racismo e cultura. *Présence Africaine*. 1956 Jun-Nov;(special issue). Publicado originalmente em: I.º Congresso dos Escritores e Artistas Negros; 1956 set; Paris. Reproduzido em: *Revista Convergência Crítica* [Internet]. 2018;(13):[aprox. X p.]. Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social – NEPETES. ISSN 2238-9288. [citado 2022 jan 17]. Disponível em: <https://revistaconvergenciacritica.org/issue/view/13>

20. Souza JCP, Simplicio ATM. A condição de gênero como fator para o sofrimento psíquico em mulheres e a psicologia feminista. *Braz J Health Rev*. 2022 maio 5;5(3):8688–712. doi: <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv5n3-056>

## **NORMAS ADOTADAS**

Este trabalho foi realizado seguindo a normatização para trabalhos de conclusão do Curso de Graduação em Medicina, aprovada em reunião do Colegiado do Curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, **em 16 de junho de 2011.**